

Telejornal: a hiperemoção em semiótica tensiva

Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz¹

¹Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista
(UNESP)

Av. Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, s/n – 17.033-170 – Bauru – SP – Brasil
mlvissotto@uol.com.br

Abstract. *In the visual information age, one of the determinant elements is the hyper emotion, characterized by the longing for broadcasting the event as a spectacle, in a sensationalist format that may disfigure the information. The analyze of one report by the focus of the Tensive Semiotics intends to show some of the mechanisms of the enunciative practice that guarantees the hyper emotion.*

Key-words. *TV News; Information; Report; Tensive Semiotics; Enunciative Practice.*

Resumo. *Na era da informação visual, uma das forças determinantes é a hiperemoção caracterizada pela ânsia de transmitir o evento como espetáculo, um formato sensacionalista que pode desconceitualizar a informação. A análise de uma reportagem televisiva sob o enfoque da Semiótica tensiva pretende demonstrar alguns mecanismos da práxis enunciativa que garantem a hiperemoção.*

Palavras-chave. *Telejornal; Informação; Reportagem; Semiótica tensiva; Práxis enunciativa.*

1. TV: principal mídia de informação

A televisão assumiu o poder. Ela não é apenas a primeira mídia de lazer e de divertimento, mas também, agora, a primeira mídia de informação. No momento atual, é ela que dá o tom, que determina a importância das notícias, que fixa os temas da atualidade. Ramonet (1999: 26)

A missão fundamental da mídia é esclarecer e enriquecer o debate democrático. Estar informado dos fatos que ocorrem no dia-a-dia continua a ser a grande preocupação do indivíduo. Entretanto, se de um lado multiplicam-se os canais de acesso à informação, sobretudo com as possibilidades múltiplas que a internet oferece, de outro lado, continua-se a assistir aos interesses latentes das grandes empresas, a concentração de poder, a disputa pela audiência, sob a fachada de um comprometimento social das organizações que dominam a mídia brasileira.

Mesmo que hoje em dia a sociedade tenha acesso a inúmeros e distintos meios de informação¹, é preciso considerar que a grande massa da população tem acesso a ela exclusivamente pela TV. Mesmo o cidadão médio, assinante de jornal impresso e/ou de revistas, busca na TV a informação, seja para inteirar-se de fatos novos, seja para verificar a interpretação dada por uma emissora, seja por hábito, ritual ou lei do mínimo esforço, pois ouvir e ver é mais agradável do que ler. Na TV, tudo é muito rápido e

eficiente: a síntese informativa apresentada nos telejornais não permite aprofundar fatos e estabelecer relações entre eles. Grande parte de nosso noticiário apresenta questões pontuais, desconectadas, distintas, perdendo-se, assim, o sentido cronológico, histórico, causal, o que aponta para uma redução gradativa do direito do cidadão à informação. As novas tecnologias, somadas a uma prática telejornalística cada vez mais eficiente, produzem edições muito elaborados que beiram o "espetáculo cinematográfico", capaz de alimentar nosso espírito e empolgar nosso olhar.

Se antes o telejornal copiava a imprensa escrita, organizando-se nas informações que apareciam no jornal do dia, atualmente é o inverso. A televisão é que se adianta, pois passou a ser o meio de informação mais rápido². Hoje, é ela quem dita a pauta, impõe sua ótica, obrigando os outros meios a segui-la. Além disso, seus recursos técnicos (audiovisual) permitem-lhe apresentar o fato como "verdadeiro", fazendo do telespectador uma testemunha ocular. Ela pode armar um espetáculo, pelo poder audiovisual que construiu e, assim, produzir impacto no público.

2. Na era da informação visual

Diante de inúmeras abordagens que os telejornais permitem, tomo as considerações de Ramonet (1999, p. 20-21) que define nosso tempo como a era da informação visual e da superinformação, apontando que "dois parâmetros exercem uma influência determinante sobre a informação: o mimetismo midiático e a hiperemoção". O primeiro é aquela febre que invade a mídia para cobrir um acontecimento sob o pretexto de que outros meios lhe atribuem grande importância. Uma inquietação delirante, levada ao extremo, provoca uma bola de neve e funciona como uma espécie de auto-intoxicação. Assim os meios de comunicação se auto-estimulam, excitando uns aos outros, multiplicando infinitamente suas matérias, deixando-se arrastar para a superinformação, em espiral vertiginosa que beira a exaustão.

A outra característica é a hiperemoção, aspecto que sempre existiu na mídia, porém, durante muito tempo, ficou restrita a imprensa sensacionalista, à imprensa marron, comprometida em salientar o *pathos*, enquanto a mídia séria apostava no rigor, na objetividade, nos fatos, nos dados, no *logos*. Isso começou a modificar sob a influência da mídia de informação dominante, a televisão. O telejornal desconceitualizou a informação preferindo mergulhar no patético, na ânsia de transmitir o "espetáculo do evento", como indica Ramonet (1999: 22). Assim toda informação pode ser simplificada, reduzida, transformada em espetáculo de massa e decomposta em segmentos-emoções. Parte-se do pressuposto de que existe uma inteligência emocional no telespectador que deve ser dirigida, programada num andamento tal que seja capaz de ser captada e alimentada.

Na semana da morte do Papa João Paulo II, ocorreu essa dupla dose de superinformação, capaz de neutralizar até mesmo o telespectador crítico. Durante a semana do velório, foram incontáveis os programas que narraram a vida do papa. Em 03 de abril, no dia seguinte ao féretro, o *Fantástico* (programa apresentado nas noites de domingo pela rede Globo) foi todo dedicado ao papa. O texto final, realizado por diferentes equipes, que não tiveram tempo de checar suas edições, resultou em temas, imagens e frases idênticas repetidas inúmeras vezes durante duas horas e meia de transmissão. O Ibope registrou um índice baixo de audiência, o que indica que o mimetismo "global" atingiu a exaustão.

No dia de seu funeral, fato esperado e transmitido para mais de 90 países, conforme anuncia a própria matéria (Anexo 1, Par. 8), a rede Globo teve tempo de

montar um "espetáculo": além da correspondente em Roma Ilze Scamparini, que vinha cobrindo o fato, o Jornal Nacional (JN) enviou o apresentador Willian Bonner, que anunciou a matéria "Um dia que ficará na história", apresentada na noite 08/04/2005³, que será analisado sob o enfoque da semiótica tensiva com o objetivo de elucidar tanto a teoria, quanto os mecanismos da *práxis enunciativa* que garantem a hiperemoção.

3. O método

O edifício teórico construído pela Semiótica francesa representa um cabedal de conhecimentos, pois pretende "explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido." (Greimas e Courtés, 1983, p. 415). Decorrente de análises concretas de objetos, seus pressupostos conduziram a pesquisa em direção à Semiótica das Paixões, num primeiro momento, e, posteriormente, para a Semiótica tensiva. Nenhuma delas invalidou a forma de descrição do percurso gerativo, nem os modos de conversão de um nível a outro. Ao contrário, cada uma foi atribuindo ainda mais consistência ao modelo, ora aprofundando um dos níveis (decompondo paixões em programas narrativos, por exemplo), ora revelando que, em cada passagem de um nível a outro, existe um espaço, denominado espaço tensivo.

Quase todas as disciplinas das Ciências Humanas preocupam-se com a enunciação, esse fenômeno complexo que dá vida e consistência aos nossos discursos. A Linguística a enfoca sob várias vertentes desde o grande mestre suíço Ferdinand de Saussure⁴. A Semiótica identificou a relação entre os sujeitos da enunciação como persuasão/interpretação e enquanto marcas da enunciação no enunciado. Determinou a relação fiduciária (fazer-creer e creer) como responsáveis pela adesão do enunciatário, no entanto não conseguir estruturar uma dinâmica que abarcasse todo esse fazer complexo da enunciação.

A abordagem tensiva do discurso⁵ parece ter encontrado elementos para tratar a enunciação de forma mais abrangente, ao desenvolver a noção de *práxis enunciativa*, que tenta identificar os diferentes campos de atuação do enunciador. Conceitos como valor e valência são recuperados, a questão do tempo e do espaço é reinstaurada, revalidando a aspectualidade, o ritmo ou o andamento do discurso. Os conceitos de formas de vida, de regimes e de esquema, tratado em Linguística textual sob enfoque semelhante, são integrados, levando o analista a determinar o universo sócio-cultural pressuposto no texto.

Assim, a Semiótica tensiva é um modelo mais detalhado, que analisa as gradações do sentido, uma forma de medir a tensão e as sutilezas do devir do sujeito. A partir do conceito de *valência*, que pressupõe a ambivalência do objeto e a instabilidade do sujeito, ela apresenta os meios de abordar a questão do sentido, não apenas como representação, mas no espaço-tempo mais ou menos tenso e extenso de uma presença, que é um pré-sentido (relações ambivalentes entre sujeito e mundo natural), motor de toda ação, que consiste em "tender para", revelar a intencionalidade enunciativa, esse desejo de expressar o valor de um campo de presença num campo de significação.

A *práxis enunciativa*, compreendida como *mise en discours* (o próprio ato do enunciador no momento da enunciação) pode ser analisada em função de pressupostos estabelecidos por esse olhar tensivo, capaz de detalhar os elementos do discurso, a abrangência da fé, assim como investigar a emoção e as paixões.

Impossível neste trabalho identificar todos os componentes tensivos de nosso objeto. Tentarei investigar aqueles mais pertinentes que garantem a hiperemoção na matéria analisada (Anexo 1: texto verbal, Anexo 2: imagens captadas).

4. A análise

Inicialmente, todos concordam que (o discurso) coloca em relação pelo menos duas grandezas: pelo menos dois conjuntos semânticos, duas posições argumentativas, dois graus de intensidade ou extensidade, dois graus de elaboração conceitual ou de assunção enunciativa. Em seguida, nos esforçamos em caracterizar a relação entre essas duas grandezas, que pode ser de conflito semântico ou enunciativo, de deslocamento actancial ou hierárquico, de diminuição ou de aumento sobre um gradiente. E finalmente, procuramos caracterizar o resultado, o efeito pragmático ou a consequência interpretativa.

Bourdon e Fontanille (2000, p.7)

A primeira preocupação do telejornal é inserir o telespectador no tempo e no espaço do discurso, com a preocupação de criar efeitos de sentido de presentificação. Assim, a práxis enunciativa se instaura pela tomada de posição de sucessivos enunciadores: a apresentadora Fátima Bernardes, no estúdio do Rio de Janeiro (Fig. 1), chama "ao vivo Willian Bonner, diretamente de Roma". Este surge no vídeo, tendo ao fundo a silhueta da Catedral de São Pedro iluminada (Fig. 2), e anuncia a reportagem, atribuindo-lhe valores históricos. Essa estratégia, denominada por Barthes de "*mise en abîme*" é uma técnica de referencialização no tempo da notícia, dando-lhe maior impacto. O termo "ao vivo" confere intensidade, inverídica no caso, pois o funeral foi realizado pela manhã e, com o fuso horário, quando o JN entra no ar no Brasil, já passa da meia-noite em Roma. Mas fica o efeito de presença garantido na mesma disposição que o casal se apresenta todas as noites (Fig.3). Do mesmo modo, na reportagem, narrada em tom dramático (prosódia) por Ilze Scamparini, a repórter surgirá no vídeo três vezes (Fig. 8, 12 e 17, correspondente aos parágrafos 3, 6 e 10 da matéria) insistindo no efeito de aproximação do texto ao centro enunciativo (questão tratada pela presença). Para a inserção do telespectador no espaço, a reportagem inicia com uma tomada geral da Basílica (Fig. 4) seguida de uma tomada geral da Praça (Fig. 5), cada uma de ângulos oposto. Em seguida, num movimento da esquerda para a direita, a câmera focaliza a fachada do Vaticano e a escadaria onde será celebrada a cerimônia (Fig.6 e 7). Esse recurso, denominado plano geral, decorre de técnicas cinematográficas.

"Um dia que ficará na história" (Anexo 1) é uma metáfora, um instante de plenitude estética e estésica surpreendido na continuidade amorfa do cotidiano. Lembra a "*fratura*", "*essa inesperada suspensão do tempo*" de que nos fala Greimas (2001, p. 23). Apresenta uma situação terminativa: a morte do papa e uma situação incoativa: à possibilidade de sua santificação. O fato compreende, ao mesmo tempo, o funeral (última homenagem), de valor terminativo, e a missa de corpo presente que se inicia (ritual) de valor incoativo, cuja função é estender o tempo para aliviar a dor da perda, valores de extensidade que dão alento aos fiéis e ao telespectador.

A partir da dicotomia humano/divino, isotopias presentes em nossa cultura, há uma série de possibilidades que pode ser adotada pela práxis enunciativa: ilustrar só uma isotopia, a da terminalidade ou da incoatividade, ou trabalhar ambas, enfatizando ora uma ora outra. É o que acontece no texto: no início, predomina a isotopia /humano/, porém, a do /divino/ vai sendo construída, aos poucos, e predomina, no final do texto, como um alento. Ao conservar as duas isotopias em tensão, ambas são atualizadas,

sendo uma realizada outra potencializada. Assim, o enunciado é percebido como contensivo, com picos de intensidade, e extensivo, decorrente natural do próprio ritual e do relato, na extensividade do texto. A práxis enunciativa inscreve-se no âmbito de uma dimensão tensiva: o atualizado é o conteúdo manifesto e o potencializado é o conteúdo latente. Sua alternância supõe que a isotopia figurante /humano/ vai e vem entre atualização e realização e a isotopia figurada /divino/ oscila entre potencialização e realização, ou seja, isotopias em *flutuação* (Fontanille e Zilberberg, 2001, p.187).

No texto (oralizado e visual), o conteúdo intenso (eixo da intensidade) rompe a continuidade, introduzindo o sentimento de falta, de "imperfeição"⁶, de desequilíbrio, que instaura a *parada* (ruptura), uma suspensão do tempo que introduz a espera e a ansiedade, marcadas no texto em quatro formas de expressão: 1. pela negação: "*Não é uma manhã de Cracóvia*"; 2. pelo emprego da conjunção adversativa "*mas da Roma que ele adotou*". Assim, já no primeiro período, temos Roma como espaço do /desterro/, acrescido do tema /abnegação/ no final da segunda oração: "*Roma que ele adotou como sua*", um dever-fazer imperativo para sua condição de papa. Nessa atmosfera predominantemente disfórica, as imagens da Praça de São Pedro repleta de fiéis é acompanhada do texto oralizado que introduz o item 3, a despedida final, uma ruptura inevitável: "*são 300 mil que esperam ver pela última vez...*", que pressupõe um querer continuar a ver desse sujeito coletivo, mas um não-poder abrupto; 4. a ruptura maior: "*um papa na sua dimensão humana*", "*um corpo*" (Par. 1), "*o caixão*" (Par. 2), o sujeito reduzido a /humano/, numa tomada em plano *plongé* (Fig. 9), que reduz a importância da personagem, introduzindo uma visão materialista no campo cultural religioso.

Entretanto, há um anseio de extensividade latente, em que a missa de corpo presente tem seu valor de ritual reparador da falta, trazendo valores capazes de suprir a perda. A práxis enunciativa já elegera uma forma reparadora, algo que possibilitasse instaurar o equilíbrio, a *parada da parada* e a adoção de valores de continuidade, do devir de todo sujeito, o restabelecimento do *continuum*. Assim, ela adota a oposição virtual, latente desde o início, a santidade do papa, para ser inserida gradativamente em figuras que remetem ao /divino/. A frase "*O corpo do Papa João Paulo II chega ao sagrado da Basílica de São Pedro*" (Par. 3) inicia esse processo que, a partir do parágrafo 4, marca a alternância de expressões das isotopias /humano/ vs /divino/. Os valores de intensidade insistem no /humano/, evidenciando a morte do papa como um ser comum: "*não tem um rosto*", "*confinado num caixão*", "*o corpo do Papa*" (Par. 4). A isotopia /divino/ surge no texto, tanto na imagem quanto nas palavras: "*o evangelho aberto*" (Par. 4) e "*Livro Sagrado*" (Par. 5). Em seguida, por meio de um recurso estilístico, uma comparação metafórica, o vento, sacudindo as saias dos cardeais (Fig. 11) e as páginas do evangelho (Fig. 10), é interpretado como "*O vento que a Igreja acredita ter sido enviado pelo Espírito Santo*" (Par. 5): uma figura retórica, um momento de estesia.

De forma gradativa e ascendente a santificação do papa é construída no contínuo do texto, também por debreagem ou inclusões de outras vozes no discurso, fator pluralizante da enunciação, dando a palavra ao: 1. povo: "*No meio dos fiéis, faixas já o proclamam santo*" (Par. 7) "*Santo Subito*" (Fig. 13), 2. celebrante, então cardeal Ratzinger: "*João Paulo II está agora na janela da casa do Pai, nos vê e nos abençoa*" (Par. 8, Fig. 14) e 3. próprio papa: "*Eu não morrerei completamente*" (Par. 14, Fig. 24).

Da mesma forma, a descrição do comportamento dos fiéis recebe tratamento passional que aponta três variações retóricas: 1. insiste na *parada*: "*Roma e o mundo se despedem do Papa João Paulo II*" (Par. 6), "*A Praça de São Pedro está em lágrimas*" e

"*Hora do adeus*" (Par. 10), com a imagem de um homem chorando (Fig.15) e pessoas acenando (Fig. 16); 2. focaliza gestos repetitivos e durativos: "*A homília [...] é interrompida 13 vezes por aplausos*" (Par. 7) e "*aplausos intermináveis*" (Par. 11) e 3. aproxima as duas tendências: "*Emoção e sobressalto*" (Par. 4) que revelam extensidade e intensidade, respectivamente, ordem que será invertida a seguir: "*a multidão se agita, se comove mais uma vez*" (Par. 9), o que anuncia a potencialização da santificação.

Com o aumento de intensidade do /divino/, a isotopia /humano/ passa a ter um brilho efêmero, desgasta-se pela quantidade de repetição atenuando-se na difusão. A partir do parágrafo 10, a alternância apresenta-se do /humano/ para o /divino/: "*Acabou o poder temporal de João Paulo II. Fica a força da sua palavra e das lutas que ele travou*" (Par. 10); "*Na crença dos pontífices romanos, quando um papa morre, passa a ser homem. João Paulo II certa vez confidenciou: 'Eu não morrerei completamente'*" (Par. 14). Isotopias justapostas, que indicam uma concessão, outro recurso retórico⁷.

Depois que o corpo é conduzido para o interior, a práxis recorre à computação gráfica, que situa, no interior da Basílica, a escada central que conduz à Gruta Vaticana. O efeito gráfico de penetração no espaço acentua a profundidade e a rapidez na sucessão dos arcos, que suscita o iminente, o fim último (Fig. 18, 19 e 20). Mesmo insistindo no tema /Humano/: "*O corpo do Papa [...] dois caixões*" (Par. 13.), "*uma simples lápide*" (Par. 14) e exibindo fotos (Fig. 21 e 22), o discurso potencializa o /divino/: "*Túmulo que pertenceu a João XXIII, ao lado de duas rainhas que viraram santas, e perto de Pedro*", mais um efeito de concessão, assinalado anteriormente.

Imagens de arquivo mostram o papa na janela soltando uma pomba que, em vez de voar para a liberdade, volta para o interior de seu aposento (Fig.23), cena inusitada passível de interpretações variadas. Uma foto de arquivo finaliza o texto, em que o papa aparece ao lado de uma criança, numa tomada em *zoom* (Fig. 24) para validar o último período do texto: "*quando um papa morre, passa a ser homem. João Paulo II certa vez confidenciou: 'Eu não morrerei completamente'*" (Par. 14). Enquanto o texto foi todo construído no presente, temos aqui um pretérito perfeito seguido do futuro do presente: o papa é um sujeito competente modalizado por um querer, saber e poder. Esse sujeito rompe a *parada*, embarca no tempo que passa e ocupa o espaço por crer nos valores distensivos. Sua santificação parece iminente, tema que se expande no tempo e no espaço, atravessa o presente e se projeta no futuro, um tempo ascendente de continuidade perene.

5. Considerações finais

A práxis enunciativa interessa à semiótica das culturas. Com efeito, ela produz "taxionomias conotativas", ou seja, recortes da macrossemiótica do mundo natural, que são próprios de uma área ou época cultural; essas taxionomias são, por sua vez, constituídas de microssemióticas, lingüísticas ou não-lingüísticas, nas quais cada termo, em razão dos laços de dependência e diferença que o unem aos demais, conota a filiação a um universo cultural particular."

Fontanille e Zilberberg (2001, p. 190-191)

Para o discurso não há uma essência imutável nas coisas. Ele deve estabelecer a grandeza a partir das circunstâncias projetadas no centro do campo de presença, organizar a lista daquelas que são compatíveis naquele momento e a lista das que não o são. Assim há posições proibidas ou permitidas, composições prescritas ou aceitas numa determinada cultura. Ao assumir a isotopia /humano/, no texto analisado, a práxis

inseriu valores culturais materialistas, a seguir, estabeleceu a alternância das categorias (ou...ou) para, finalmente transformá-las em coexistência em que duas excluídas aceitam coexistir (e...e).

Trata-se de um discurso narrativo (evento-estado), que constitui "um esquema no qual são associados os eventos salientes, que são extraídos, em virtude de sua própria intensidade, do repertório pré-narrativo do devir" (Fontanille e Zilberberg, 2001, p. 167), cuja tensão (tônica-átona) é de predicação intensiva. Entretanto, a práxis enunciativa introduziu elementos de predicação existencial, pois a ausência é revivificada, convocada como uma presença: 1. histórica: Bonner afirma que o texto antecipa a história, a vida de Wojtyła é relatada, 2. simbólica e alegórica: Ratzinger diz que o papa "está na casa do pai...", o vento é atribuído ao Espírito Santo e a confissão final do próprio papa. Estamos diante de um relato mítico, pois a predicação existencial fundamenta o mito, cujas possibilidades decorrem da presença existencial do papa, da igreja católica como um todo, da cerimônia midiática, da platéia e do telespectador comovidos. A práxis enunciativa recolhe dessa presença múltipla no tempo e no espaço aspectos estético-estésicos ligados à sensorialidade e à afetividade, capazes de ressemantizar o discurso, dotando-o de uma nova aura semântica, uma aura mítica.

Várias disciplinas investigam a cultura sem tratar da textualidade. A Semiótica tensiva permite analisar a cultura a partir da textualidade. Na práxis enunciativa do TJ, não há apenas uma equipe de profissionais responsáveis por sua produção, mas uma bateria de práticas e de movimentos que são textuais e culturais ao mesmo tempo: microssemióticas nas quais cada termo atua em relacionamentos, dependências e exclusões⁸, indicando sua filiação a um determinado universo cultural. Em qualquer situação, afirma Marrone, (2002, p. 8), "o TJ busca paixões no mundo para suscitá-las no telespectador, transformando o prosaico material do mundo em um verdadeiro e único espetáculo". Ele busca "certas" paixões, quase sempre as mesmas, as mais eficazes para acionar a hiperemoção e garantir a audiência. Eis o *modus operandi* da práxis enunciativa do TJ.

Notas

¹É preciso considerar que a própria noção de informação se amplia na contemporaneidade, pois as novas gerações organizam-se em grupos de interesses comuns que buscam outras informações, desprezando a pauta instituída pelas agências de informação e pela mídia padrão.

² Desde o fim dos anos 80 a TV tornou-se tecnologicamente apta, pelos sinais dos satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Rapidez ameaçada pela internet, que pode transportar um texto, um som ou uma imagem num único suporte também na velocidade da luz. Hoje, os *Blogs* são um fenômeno recente que atrai milhões de internautas. Em dois anos, o número de endereços eletrônicos desse tipo passou de cem mil para quatro milhões. Alguns têm mais leitores do que jornais renomados. E seu custo é ínfimo, pois bastam um computador, um *modem* e um internauta com algum tempo livre. (Veja, 29/09/2004, p. 56). Por trocar informações *on-line* com internautas de todas as profissões e localidades, os *blogs* podem ser eficientes patrulheiros e atualizar suas informações em tempo recorde. Esse dinamismo, somado ao acentuado descrédito pelos meios de comunicação padrão vem refletido na diminuição de assinaturas na mídia impressa e dos índices de audiência dos telejornais.

³ O texto foi extraído do site do Jornal Nacional e encontra-se no Anexo 1 deste trabalho. Algumas imagens foram selecionadas, captadas do vídeo e apresentadas no Anexo 2.

⁴ Charles Bally (1965, primeira edição 1932), um dos alunos de Saussure que contribuiu para a publicação do *Curso de Lingüística Geral*, analisa os enunciados, identificando duas partes constitutivas: modalidades e conteúdo proposicional, retomando os termos utilizados na Idade Média *modus* e *dictum* e faz dessa análise a base de sua teoria da enunciação.

⁵ Referimo-nos à Semiótica tensiva, preconizada por Claude Zilberberg desde a década de 80, que recebeu, anos depois, a contribuição de Jacques Fontanille, e hoje, vem sendo desenvolvida por pesquisadores dos mais importantes centros de pesquisa. *Vide* Fontanille e Zilberberg, 2001.

⁶ A "falta" proppiana, do nível narrativo, evoluiu para a "imperfeição" (Greimas 2002) que conceitua o descompasso entre aquilo que se apreende e aquilo que se visa, descompasso que resulta numa tomada de consciência da incompletude para o sujeito. A aspectualização, desenvolvida por Greimas e aprofundada pela semiótica tensiva, pretende dar conta desses estrados mais profundos pela inserção do gradual sobre o contínuo, que estamos desenvolvendo nessa análise.

⁷ Zilberberg (2005: 21) afirma que a práxis tem fascinação pela dimensão concessiva que, nesse texto, funciona da seguinte forma: a morte inevitável, o fim de tudo é inúmeras vezes repetido. Como invalidar esse fim? Pela possibilidade de santificação, uma operação tensiva de implicação retórica: *ainda que seja humano, tem tudo para ser Santo*.

⁸ Hjelmslev prevê gradações de dependência entre os termos, propondo a dependência mútua, ou interdependência, passa pela dependência unilateral, pela dependência frouxa, até chegar a termos incompatíveis, que se excluem mutuamente (2003, p. 29).

Referências Bibliográficas

- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Suisse: Editions Francke Berne, 1965.
- BOURDON, J.-F; FONTANILLE, J. *Sémiotique du discours et tensions rhétoriques. Langages*, n.137 Paris: Larousse, mars, 2000.
- FONTANILLE, J. ; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição* (original 1987) Trad. Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker editores, 2002.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. . Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MARRONE, G. *Retorica della notizia. Prassi enunciativa nel telegiornale*. Convegno Narratologia e media, Urbino, Centro de Semiotica 8-10 luglio 2002.
http://www.arcojournal.unipa.it/pdf/marrone_retorica_19_06_03.pdf Acesso em 31/05/2005.
- RAMONET, I. *Tirania da Comunicação*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- ZILBERBERG, C. *Précis de grammaire tensive*, 2005.
<http://www.cludezilberberg.net/htmls/precishtml/Precis.htm> Acesso em 18/05/2005.

Anexo 1

Um dia que ficará na história (Texto apresentado no Jornal Nacional de 08/04/2005 por Ilze Scamparini, correspondente em Roma)

1. Não é uma manhã de Cracóvia, mas da Roma que ele adotou como sua. Dentro da Praça de São Pedro são 300 mil que esperam ver pela última vez um papa na sua dimensão humana. Um corpo.
2. Os padres saem primeiro, pela porta central da Basílica, e também pela grande porta sai o Papa. O caixão, carregado por 12 homens que serviram a ele, os patriarcas das igrejas do Oriente e 140 cardeais vestidos de vermelho, cor do luto dos papas.
3. O corpo do Papa João Paulo II chega ao sagrado da Basílica de São Pedro. O povo aplaude emocionado.
4. Emoção e sobressalto. O Papa agora não tem um rosto. Está confinado num caixão de cipreste. O corpo do Papa é posto no chão, não no mármore frio, mas sobre um tapete oriental. E sobre o caixão, o evangelho, aberto.
5. O vento faz tremular a batina dos cardeais e folheia o Livro Sagrado. O vento que a Igreja acredita ter sido enviado pelo Espírito Santo. A missa de corpo presente é rezada em latim. O coro da Capela Sistina e da Mater Eclesia aumentam a comoção.
6. Uma multidão sem precedentes. Três milhões de pessoas, na Praça de São Pedro, nas ruas próximas e distantes do Vaticano. Um funeral sem precedentes. Com todas as honras, ritos, trajes e cantos. Hoje, oficialmente, Roma e o mundo se despedem do Papa João Paulo II.
7. Para muitos ele foi também um papa sem precedentes. No meio dos fiéis, faixas já o proclamam santo. A homilia do cardeal Joseph Ratzinger é interrompida 13 vezes por aplausos. O decano do colégio de cardeais lembra a infância e a orfandade de Karol Wojtyła.
8. O teatro, a poesia, a vida de operário e a opressão Nazista. Hoje a orfandade é do mundo, que veio à Roma por ele. Chefes de estado e de governo. Reis e rainhas. Foram 90 nações que transmitiram ao vivo os funerais. “João Paulo II está agora na janela da casa do Pai, nos vê e nos abençoa”, diz o cardeal Ratzinger, que encomenda o corpo do Pontífice.
9. Quase três horas de exéquias. A multidão se agita, se comove mais uma vez.
10. Hora do adeus ao Papa João Paulo II. Acabou o poder temporal de João Paulo II. Fica a força da sua palavra e das lutas que ele travou. A Praça de São Pedro está em lágrimas.
11. O caixão é erguido. Os funcionários do Vaticano que o carregam, voltam e o exibem ao povo. O corpo do Papa recebe um aplauso interminável.
12. Os sinos da Basílica encerram a cerimônia. Bispos acenam num gesto de despedida. Agora é a terra nua. O Papa morto é levado para dentro, para os subterrâneos do Vaticano, ao lado de Pedro.
13. O corpo do Papa é posto em mais dois caixões. De zinco e de carvalho. Um dentro do outro. Na Gruta Vaticana, o Papa é sepultado no túmulo que pertenceu a João XXIII, ao lado de duas rainhas que viraram santas, e perto de Pedro.

14. Um punhado de terra polonesa é posto na sepultura. E uma simples lápide. Na crença dos pontífices romanos, quando um papa morre, passa a ser homem. João Paulo II certa vez confidenciou: “Eu não morrerei completamente”.

Anexo 2 (imagens captadas da reportagem apresentada no Jornal Nacional)



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



Fig. 20



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24